



EIXO TEMÁTICO:
Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

BIBLIOTECA ESCOLAR ACESSÍVEL: PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL

ACCESSIBLE SCHOOL LIBRARY: PRINCIPLES OF UNIVERSAL DESIGN

Raquel A. Ribeiro Silva - rakwel_18@hotmail.com

Sueli Bortolin - bortolin@uel.br

Resumo: A biblioteca escolar junto com a escola é responsável pela educação cognitiva e social dos alunos. Dessa forma, ela é indispensável em todos os contextos da vida. O bibliotecário ciente do seu papel social deve trabalhar para que alunos com deficiência usem a biblioteca de forma autônoma e com liberdade. Para isto a biblioteca não precisa ser específica para os alunos com deficiência e sim livre de barreiras, caso contrário, seu ambiente é deficiente para um atendimento respeitoso à todos. A filosofia do Desenho Universal tem o intuito de promover a acessibilidade sem que existam espaços exclusivos às pessoas com deficiência. É necessário criar ambientes inclusivos, que possibilitem o uso de um número maior de indivíduos, isto é, não apenas a aqueles com deficiência, mas também com mobilidade reduzida, obesos, gestantes, idosos, pessoas com crianças de colo. O Desenho Universal aplicado em uma biblioteca escolar possibilitará o uso de todos os alunos sem discriminação. O objetivo dessa pesquisa foi discutir a concepção de Biblioteca Escolar Acessível e os princípios do Desenho Universal de modo a contribuir para a atuação ética do bibliotecário. Foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica nas áreas da Biblioteconomia, Psicologia, Educação e Arquitetura. Com essa base teórica conclui-se que foi possível destacar a importância das bibliotecas escolares e dos bibliotecários na formação dos alunos com deficiência.

Palavras-chave: Desenho Universal. Biblioteca acessível. Biblioteca inclusiva.

Abstract: The school library along with the school is responsible for the cognitive and social education of students. Thus, the library is indispensable in all areas of life. The librarian aware of its social role must work so that students with disabilities to use the library independently and freely. For this library need not be specific to students with disabilities and sim free of barriers, otherwise your environment is deficient for respectful care to all. The philosophy of Universal Design aims to promote accessibility without there being unique to the disabled spaces. You need to create inclusive environments that enable the use of a larger number of people, ie, not just disabled people, but those with reduced mobility, obese, pregnant women, the elderly, people with infants. The Universal Design applied in a school library will enable the use of all students without discrimination. The objectives of this research are to discuss the design of school library Affordable and principles of universal design to contribute to the ethical role of the librarian. Was conducted through a literature search in the areas of librarianship, Psychology, Education and Architecture, is located in them documents such as laws, decrees, technical standards, manifestos and other procedures for deployment of affordable projects, they were able to highlight the importance of school libraries and librarians in the education of students with disabilities.

Keywords: Universal Design. Accessible library. Inclusive library.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo de uma biblioteca é mediar a informação para seus usuários, incentivando o gosto pela leitura, capacitar o professor e orientar os alunos nas pesquisas escolares, ter acervo e equipamentos que permitam que a biblioteca esteja ao alcance de todos.

A biblioteca escolar (BE) por estar ligada diretamente à escola deve trabalhar constantemente para o desenvolvimento de pesquisas e incentivando a leitura por meio de projetos diversificados. Necessita de recursos informacionais para realizar a sua missão e um profissional capacitado para desempenhar seu papel de mediador.

Entretanto, para que os alunos desfrutem dos benefícios de uma biblioteca escolar é necessário ir além do que já foi exposto, é preciso levar em consideração a acessibilidade, pensando nas particularidades de cada usuário, sabendo que as necessidades deles são diferentes.

Como as escolas precisam implantar a política nacional da inclusão, de modo a favorecer a inserção e a permanência de alunos com deficiência, a biblioteca deve acompanhar tais políticas, e estar atenta às recomendações necessárias para tornar seu ambiente acessível.

É necessário promover a acessibilidade e não a exclusividade de atendimento em um ambiente informacional para esses alunos. Eles precisam se sentir livres para se locomover, escolher seus próprios livros, usar os equipamentos juntos com seus amigos. Um aluno com deficiência não precisa de uma biblioteca específica para ele, e sim uma escola e uma biblioteca acessível para todos os alunos e a comunidade em geral.

Nesta perspectiva, o Desenho Universal (DU) foi criado não somente para promover a acessibilidade nos ambientes, mas para que com a aplicação de seus princípios ocorram a inclusão e a equiparação de oportunidades. Um dos benefícios dessa filosofia é a possibilidade de um ambiente ou um produto ser usado por pessoas com diferentes biotipos, incluindo aquelas com deficiência.

Usando as premissas do DU a BE poderá se tornar ainda mais acolhedora, possibilitando o acesso a ela e a leitura por todos os alunos, independente da situação de cada um.

O bibliotecário, por sua vez, estando responsável pelo ambiente informacional, ciente da importância do acesso à leitura e à informação deve trabalhar para

concretização da acessibilidade na biblioteca. Dessa forma, estará contribuindo para a formação cidadã dos alunos.

Visto que temas como acessibilidade e a função social do bibliotecário em relação à acessibilidade são escassos e, muitas vezes insuficientes na literatura biblioteconômica, este trabalho aborda aspectos que propiciarão ao leitor/bibliotecário embasamento para uma visão mais ampla da acessibilidade, mudando a crença de que pessoas com deficiência são “deficientes”¹. Dessa forma, excluindo as habilidades que elas possuem, focando apenas nas suas limitações.

Nosso objetivo foi discutir a concepção de Biblioteca Escolar Acessível e os princípios do Desenho Universal de modo a contribuir para a atuação ética do bibliotecário. Além disso, destacamos a importância das bibliotecas escolares e dos bibliotecários na formação dos alunos com deficiência.

O ambiente físico muitas vezes é o impedimento maior que uma pessoa com deficiência pode se deparar. Sabendo que se o ambiente está livre de barreiras a pessoa com deficiência pode transitar e realizar suas atividades normalmente, ou seja, o ambiente é deficiente para atender aquela pessoa com dificuldade de locomoção.

As bibliotecas escolares que conhecemos, os bibliotecários e alunos com quem conversamos, nos fizeram perceber que muitas dessas bibliotecas não iniciaram projetos de inclusão, pois suas instalações são deficientes, os acervos inadequados para alunos com deficiência, e mesmo na maior parte das escolas particulares, que teoricamente teriam mais condições financeiras, ainda as práticas do DU inexistem.

Na rede pública, em muitos casos, nem bibliotecas possuem, e se tem o material bibliográfico é inacessível por falta de espaço, ou por medo do próprio uso, e se está disponível, não está acessível à todos. A solução para uma biblioteca inclusiva começa quando o bibliotecário tem noção da importância da biblioteca na formação dos alunos, trabalha conjuntamente com a equipe pedagógica e se preocupa com a acessibilidade.

Acreditamos na importância deste trabalho para despertar nos profissionais da Educação e Biblioteconomia a necessidade da mudança de atitudes, levando-os a

¹ É importante ressaltar que no decorrer do trabalho utilizamos os termos: pessoas com deficiência, aluno com deficiência ou com mobilidade reduzida. Queremos assim demonstrar que o uso do termo “pessoas deficientes” não é a forma correta para tratamento, pois é pejorativo e caracteriza que a pessoa não tem nenhuma outra habilidade.

perceber que as omissões, ou o próprio espaço físico inadequado da biblioteca que atuamos causam uma percepção ruim dos usuários sobre aquele espaço. Em se tratando de crianças, sabemos que essa visão deturpada da biblioteca poderá ser levada para a vida toda.

Para tanto, esta investigação foi composta dos seguintes tópicos: bibliotecas, acessibilidade, ética bibliotecária, filosofia do Desenho Universal, deficiências e os direitos humanos.

Esperamos que abordando esse tema possamos contribuir com a área da Ciência da Informação, motivando novas pesquisas, beneficiando não somente alunos com deficiência, mas também a construção de significados da biblioteca e das pessoas com deficiência nos bibliotecários.

2 BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar está integrada ao cotidiano escolar. Junto com a escola ela é responsável por formar os alunos por meio da mediação da leitura, estimulando o gosto por ler e, conseqüentemente contribuir para o aprendizado dos alunos em sala de aula. Conforme Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p.23) a biblioteca escolar “Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação [...]”

Segundo a IFLA/UNESCO (2006, p.3), “[...] A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis.” Nesse discurso podemos perceber o quanto a biblioteca é imprescindível para a escola e como interfere positivamente na educação dos alunos.

Dessa forma, a biblioteca possui ferramentas suficientes para, em conjunto com a escola, incentivar o gosto pela leitura. O bibliotecário deve levar em consideração que a biblioteca escolar poderá ser o primeiro contato que aquela criança tem com os livros e aproveitar para desempenhar seu papel de mediador de leitura. A criança ao encontrar na biblioteca o prazer pela leitura, certamente aproveitará aquele espaço, até mesmo na fase adulta. Para Bezerra (2008, p.4) espera-se que nesse gênero de biblioteca o aluno “[...] se torne não apenas um visitante eventual desse espaço, mas se transforme em usuário habitual em busca de leituras e fontes geradoras de

informações novas.”

Os benefícios de uma biblioteca escolar bem preparada, isto é, que não seja apenas um espaço para depósito de livros, mas sim um lugar de prazer, onde os alunos possam ter a liberdade de se encontrar com o mundo literário e se beneficiar dele, sendo um lugar apropriado em que estudante “[...] constrói seu conhecimento, explorando um vasto repertório de experiências já vividas e registradas por outros, extraindo delas significados e agregando suas próprias experiências” (CAMPELLO, 2012, p.8).

O conceito de biblioteca escolar deve partir de um princípio abrangente de prazer, alegria, satisfação e aprendizagem e criar boas lembranças que acompanhem a vida dos alunos. É neste espaço, único dentro da instituição, que o aprendiz encontra uma liberdade intelectual e a oportunidade de saciar sua curiosidade pessoal, construindo realmente seu próprio conhecimento. Ali, ele pode acessar e usar, criar e comunicar. Assim, a biblioteca escolar assemelha-se a um laboratório de ciência, onde os experimentos com a informação constituem a sua função principal. O aluno interage com o novo, a informação e a tecnologia, aprende e obrigatoriamente pratica os cuidados necessários ao “manipular” a informação. Orientados por profissionais qualificados na Ciência da Informação e apoiados pelo corpo docente, os estudantes praticam, desde os seus primeiros dias na escola, os passos para serem aprendizes vitalícios (BERG, 2011, p.96).

Na sua comunicação fica evidente que a biblioteca escolar quando está bem estruturada, abre novos caminhos para o aprendizado dos alunos, e alunos mais conscientes se tornem mais capazes de compreender o mundo a sua volta. Dessa forma, a biblioteca e o bibliotecário estão contribuindo para a formação cidadã desses alunos. Berg (2011, p.3) defende: “Ensinamos às nossas crianças a ler os rótulos de produtos no supermercado [...]. E, por que não ensinamos um consumo crítico e responsável da informação, seja ela em qualquer formato?”

Acreditamos que ao educarmos esses alunos nessa perspectiva desde a infância, estaremos formando adultos mais conscientes. Se esse espaço puder ser frequentado por alunos com deficiência estaremos garantindo a equiparação de oportunidades e uma tolerância maior quanto às diferenças.

O bibliotecário escolar tem no seu ambiente de trabalho muitas possibilidades de mudar o futuro dos alunos, não só em relação ao gosto de ler, mas por meio dessa mudança de comportamento, frente a leitura, o aluno tem mais acesso à cultura,

outras opiniões, pensamentos, e assim pode construir seu próprio modo de interpretar os acontecimentos, isto é, se tornando mais crítico.

Isso não afetará apenas a vida do aluno, mas também a das pessoas ao seu redor, portanto é fundamental aproveitar a idade oportuna de aprendizagem na infância para deixar uma semente de atitude em vários âmbitos. De acordo com os objetivos deste trabalho, a mudança a ser ressaltada é o respeito às diferenças, para que defendam seus ideais e acolham os que estão à margem da sociedade.

3 FILOSOFIA DO DESENHO UNIVERSAL

A necessidade de informação é o que move nosso dia a dia. Constantemente, precisamos tomar conhecimento sobre que horas são, onde fica algum lugar, uma receita, como usamos um equipamento, qual a posologia de um remédio. Faz parte da natureza do ser humano essas e muitas outras necessidades informacionais.

Para chegar até essas informações teremos que nos mover, mesmo que seja para acesso a um computador ou realizar pesquisa em uma biblioteca; usaremos nossos pés, cadeira de rodas, bengala ou um cão guia para nos levar, entretanto, em nosso caminho não poderá haver obstáculos que impedirão o acesso à informação.

Seguindo esse pensamento, nosso percurso e o ambiente que usarmos, deve possibilitar o acesso de qualquer pessoa, seja qual for sua habilidade ou dificuldade. Villarouco (2011, p.45) alerta “[...] um ambiente que não contempla a acessibilidade, fere já o princípio do foco no usuário.”

O motivo da existência de uma biblioteca é o usuário, portanto, sua missão é o atendimento às necessidades informacionais dos mesmos. Assim, seu projeto arquitetônico, desde o princípio, deve ser planejado para aqueles que irão utilizá-la de forma que não ocorra nenhuma exclusão.

Pensando nos usuários de uma biblioteca, seja ela escolar, universitária, especializada ou pública, percebemos que quem a frequenta tem suas particularidades. Nossa abordagem está naqueles que se encontram diferentes da maioria, por exemplo, pessoas com deficiência física, intelectual e sensorial têm suas especificidades. O mesmo ocorre com idosos, gestantes, crianças, obesos, que podem ter dificuldade ao realizar algum movimento, tendo a mobilidade reduzida temporária ou permanentemente.

De acordo com Martins e Baptista (2011, p.48) o “[...] desafio do nosso século

é conviver em harmonia com as nossas diferenças individuais, respeitando as identidades, habilidades e limitações de cada um [...]”.

Para que exista a possibilidade de um maior número de pessoas usarem um ambiente de forma igualitária, sem que tenha a necessidade de adaptações ou ambientes exclusivos, eclodiu a Filosofia do Desenho Universal, que também é denominado como Design Universal ou *Design for All*. Nesta pesquisa usamos o termo Desenho Universal (DU).

Antes de definir o que é o DU, vamos mostrar como ele surgiu. De acordo com Sasaki (2005, p.144) nos anos 1960, iniciou um movimento que lutava pela eliminação das barreiras arquitetônicas. As universidades americanas foram as primeiras a se preocuparem com as barreiras físicas em seus prédios e até nos transportes universitários.

Esse movimento alertava a sociedade sobre os obstáculos que existiam e a necessidade de sua eliminação, ou pelo menos a redução. Começou-se então a usar o termo adaptado, ou seja, prédios, ônibus, carros adaptados. Porém, as construções prediais novas ainda eram feitas sem nenhuma preocupação com a acessibilidade, surgindo então o desenho acessível.

Porém, a filosofia do DU é justamente defender ambientes não específicos, exclusivos e nem adaptados para pessoas com deficiência e sim projetados para o uso de todos, abrangendo um maior número de pessoas. “Os produtos e ambientes feitos com desenho universal ou inclusivo não parecem ser especialmente destinados a pessoas com deficiência” (SASSAKI, 2005, p.147).

A base do DU é o respeito pelas diferenças com o objetivo de possibilitar a igualdade. Teixeira, Valente e Reda (2002) ao resgatar a trajetória histórica do Desenho Universal afirmam:

Nos anos cinquenta, surge um movimento denominado *Design Barrier Free* ou *Design livre* de barreiras, que inicia o processo de mudança nas políticas públicas sobre o design. [...] Em meados dos anos 70, tal conceito evoluiu e é apresentado como *Social Design* ou *Design sem Discriminação*, chegando a década de 80 com a denominação de *Universal Design* ou *Design Universal* cujo objetivo é desenvolver teorias, princípios e soluções, visando possibilitar que todos independente de idade ou habilidade utilizem, até onde lhes for possível, a mesma solução física, quer se tratando de edifícios, áreas exteriores, meios de comunicação ou ainda de móveis, utensílios e equipamentos.

O Desenho Universal chegou ao Brasil em junho de 1994 no Rio de Janeiro durante o *VI Seminário Ibero-Americano de Acessibilidade ao Meio Físico* com o

arquiteto americano Edward Steinfeldem. Logo após o termo foi incorporado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) na NBR9050: 1994.

O DU busca não criar espaços específicos e discriminadores e sim possibilitar as pessoas com deficiência à oportunidade de usufruírem de todos os espaços para terem a mesma liberdade e condições de uso por todos os cidadãos. Bernardi e Kowaltowski (2005, p.157) complementam afirmando: “O desenho universal é o projeto de produtos e ambientes e comunicação para ser usado pelas pessoas em condições de igualdade.”

Prado, Lopes e Ornstein (2010, p.12) afirmam que atender as diferenças, seja ela física, sensorial ou cognitiva “[...] implica reduzir diretamente o esforço necessário para cada pessoa executar determinada tarefa ou acessar determinado ambiente.”

Para que o DU pudesse ser utilizado com mais eficiência o *Centro para o Desenho Universal do Estado da Carolina do Norte* nos Estados Unidos desenvolveu sete princípios que norteiam e avaliam a elaboração de projetos que aplicados ao ambiente possibilitam o uso por um maior número de pessoas. (MELO, 2008, p.31) e (DORNELES; ELY, 2012, p.20). São eles:

1. Uso equitativo: pessoas de diferentes habilidades poderão usar o ambiente sem discriminação. Exemplo: ambiente sinalizado com piso tátil e o espaço livre para cadeirantes.

2. Flexibilidade de uso: permite que o usuário tenha a possibilidade de escolha. Exemplo: usar a escada ou rampa.

3. Uso simples e indutivo: o usuário precisa entender com facilidade como utilizar o ambiente, independentemente da experiência, do conhecimento, das habilidades linguísticas ou do nível de concentração do usuário. Exemplo: sinalização por cor.

4. Informação de fácil percepção: o desenho comunica a informação com eficiência independente da condição do ambiente ou das habilidades dos usuários. Exemplo: ambiente sinalizado, porém com altura acessível aos cadeirantes e crianças, com linguagem e informações sonoras de fácil compreensão.

5. Tolerância ao erro: ambiente com o mínimo de riscos e consequências de acidentes. Exemplo: retirar ou isolar situações de riscos, como um banco no meio do caminho.

6. Baixo esforço físico: ambiente confortável e com o mínimo de fadiga. Exemplo: rampas e escadas devem ter áreas de descanso.

7. Dimensão e espaço para aproximação e uso: o espaço deve possibilitar a aproximação, alcance, manipulação e uso independentemente do tamanho do corpo, postura ou mobilidade do usuário. Exemplo: um balcão de atendimento, ou até mesmo um telefone público com tamanhos diferentes e espaços no entorno para locomoção de cadeirantes.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para se chegar ao objetivo geral desta pesquisa, que foi a discussão da concepção da BE acessível e os princípios do DU de modo que contribua para a atuação ética do bibliotecário foi necessário realizar na primeira etapa um levantamento bibliográfico, que segundo Witter (1990, p.7) “[...] implica em ir à literatura científico-tecnológica para recuperar a informação existente de modo a viabilizar, a sustentar, a sugerir bases para o trabalho em curso.” Ela complementa ainda que o levantamento bibliográfico faz parte da vida de todo o pesquisador, começando desde a seleção do tema e o desenvolvimento da pesquisa, independente da metodologia que foi escolhida. (WITTER, 1990, p.18).

A metodologia de pesquisa escolhida para conduzir essa pesquisa foi a bibliográfica. Witter (1990, p.27) afirma que ela é diferente de um levantamento bibliográfico, pois este resulta em uma síntese, em contrapartida a pesquisa bibliográfica “Compreende a busca e a análise sistemática da informação, contida em um acervo documental bibliográfico [...]”.

Vale destacar, o que Flick (2009, p.234-235) aponta “[...] Ao decidir-se pela utilização dos documentos em um estudo, deve-se sempre vê-los como meio de comunicação. [...] Os documentos não são, portanto, apenas simples dados que se pode usar como recurso para a pesquisa.” Estes permitem um diálogo entre ideias, muitas vezes divergentes e vindas de múltiplas áreas.

Dessa forma, buscamos nas áreas da Biblioteconomia, Psicologia, Educação e Arquitetura, documentos, leis, decretos, normas técnicas, manifestos e demais procedimentos que abordassem esse assunto. A busca não foi demarcada por tempo de publicação. Todo o material encontrado, desde que atendesse os objetivos da pesquisa, foi selecionado e analisado, isto resultou na construção do *corpus* de pesquisa.

Tendo como foco a biblioteca escolar acessível, a pesquisadora, até pela

inexistência de material específico, teve que *lançar mão* da intertextualidade discursiva e das conexões com áreas que não fazem parte do cotidiano da graduação de Biblioteconomia. Isso evidencia a importância dos bibliotecários, cumprir sua função social, por exemplo, se inteirando do conceito do Desenho Universal e de como colocá-lo em prática em benefício da sociedade; portanto, esperamos que esse trabalho possa subsidiar à todos os interessados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher essa temática para pesquisa, nosso desejo foi alertar para a necessidade da quebra de paradigmas já enraizados na sociedade, referente ao preconceito que pessoas com deficiência sofrem. Entendemos que é mais produtivo que essa mudança já comece com os alunos de séries iniciais, pois eles estão mais abertos a aprendizagem e serão o futuro da sociedade.

Justamente pela escola ser o lugar em que as crianças felizmente têm a obrigatoriedade de frequentar, cabe a ela dentro de suas capacidades, ser a transmissora, de um pensamento mais justo, de igualdade, de respeito, preparando essa nova geração para ser a transformação da sociedade atual.

A biblioteca escolar em sua essência é o coração da escola. Ela tem todos os atributos para ser de igual importância na formação dos alunos em relação à escola, porém usando outras práticas, o seu ambiente é propício para serem desenvolvidas leituras que estimulem os alunos a respeitarem as diferenças, de uma forma lúdica, e muito eficaz.

Todas as ações do bibliotecário são importantes para a sociedade, mas frisamos no decorrer desse trabalho que a sua função social é imprescindível, essa relação entre bibliotecário e usuário é o que move a biblioteca, pois sem o usuário nada teria mais sentido de ser feito.

Esses usuários possuem características diferentes, podem, por exemplo, ter mobilidade reduzida, entretanto nada os diferem no direito de receberem uma educação de qualidade e frequentar uma biblioteca acessível, é ético que aqueles que devem proporcionar isso realmente o façam.

Tivemos conhecimento de escolas e bibliotecas que só se preocuparam com a acessibilidade quando o aluno já estava matriculado, assim o que ocorreu foi uma mera adaptação, mas o projeto inicial não foi preparado para ele. Sabemos que se

algo foi feito para nós maior é a nossa satisfação em receber, usar, frequentar assim ocorre com os alunos com deficiência.

Nesta perspectiva, incluímos a filosofia do Desenho Universal como peça central desse trabalho, pois defende ambientes inclusivos para pessoas com diferentes características e necessidades. Se desde o projeto de uma biblioteca o profissional que a administra levar em consideração os princípios do Desenho Universal, notoriamente ela será uma biblioteca inclusiva e com probabilidade de atender os usuários de forma respeitosa e igualitária.

Com pequenos recortes da história ficou evidente que estamos avançando para que as oportunidades sejam equiparadas, vimos que as pessoas com deficiência sofreram muito, mas hoje, mesmo que ainda incipiente já existem ações, normas, leis, documentos que proporcionam mais qualidade de vida a essas pessoas.

Acreditamos que em curto prazo a inclusão se concretizará; isso pela própria consciência do ser humano, não somente para fazer cumprir as leis em relação a acessibilidade. Assim também ocorrerá com a mudança de pensamento de que pessoas com deficiência são deficientes em quaisquer circunstâncias, e de outras opiniões preconceituosas.

Os objetivos propostos nessa investigação foram alcançados, isto é nela relatamos a importância da aplicação dos princípios do Desenho Universal nas bibliotecas escolares e como isto interfere positivamente na prática dos bibliotecários, tornando sua conduta mais ética. Após buscarmos um embasamento científico, em várias áreas e em diversos documentos, foi possível salientar quanto o bibliotecário e a biblioteca escolar são importantes na formação cognitiva e social dos alunos.

Porém, não tivemos a pretensão de esgotar o assunto abordado, mas sim instigar discussões sobre essas abordagens a fim de que os leitores pudessem ter conhecimento de que a acessibilidade não é apenas alguns livros em braile ou rampas de acesso, mas abrange a forma como vemos pessoas com deficiência e o que fazemos para que elas tenham liberdade e autonomia.

Esperamos que esse trabalho produza frutos, principalmente nas bibliotecas escolares, que os profissionais que as gerenciam possam perceber a necessidade de se ter uma biblioteca inclusiva. E percebam também que as bibliotecas não sejam limitantes, mas sim acolhedora aberta para uso de quem quiser. Essa então seria a maior conquista de pessoas com deficiência, fazer o que quiserem como quiserem, na hora que quiserem em igualdade com seus pares.

REFERÊNCIAS

- BERG, K. Competência em informação e bibliotecas escolares. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.7, n.1, p. 92-97, jan./jun. 2011. Entrevista concedida á Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. Disponível em: < <http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/177/192>>. Acesso em: 07 out. 2014.
- BERNARDI, N.; KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Reflexões sobre a aplicação dos conceitos do desenho universal no processo de projeto de arquitetura**. 2005. Disponível em: <<http://www.dkowaltowski.net/991.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2014.
- BEZERRA, M. A. da C. O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto social. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 4-10, out. 2008. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/24/24>>. Acesso em: 26 maio 2014.
- CAMPELLO, B. S. (Comp.). **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- DORNELES, V. G.; A, S. ELY, V. H. M. B. O desenho universal em espaços abertos: uma reflexão sobre o processo de projeto. **Gestão e Tecnologia de Projetos**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 55-67, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/gestaodeprojetos/article/view/62203/65031>>. Acesso em: 02 set. 2014.
- FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre, Artmed, 2009.
- IFLA/UNESCO. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. 2006. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>> Acesso em: 26 maio 2014.
- MARTINS, L. B.; BAPTISTA, A. H. N. Estratégias de design para circulação de pedestres. In: MONT'ALVÃO, C.; VILLAROUÇO, V. (Orgs). **Um novo olhar para o projeto: a ergonomia no ambiente construído**. Teresópolis: 2AB, 2011.
- MELO, A. M. Acessibilidade e design universal. In. PUPO, D. T.; MELO, A. M.; FERRÉS, S. P. **Acessibilidade: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas**. Campinas: Unicamp, 2008.
- PIMENTEL, G.; BERNARDES, L.; SANTANA, M. **Biblioteca escolar**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2013.
- PRADO, A. R. de A.; LOPES, M. E.; ORNSTEIN, S. W. (Org.). Trajetória da acessibilidade no Brasil. In. **Desenho universal: caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 6. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2005.

TEIXEIRA, C. M. C.; VALENTE, E. F.; REDA, F. M. **Acessibilidade**: questões do design universal aplicadas ao desenvolvimento das aeronaves da EMBRAER. In: ABERGO, 7., 2002, Recife. **Anais...** Recife. CD-ROM.

VILLAROUCO, V. Tratando de ambientes ergonomicamente adequados: seriam ergoambientes? In: MONT'ALVÃO, C.; VILLAROUCO, V. (Orgs). **Um novo olhar para o projeto**: a ergonomia no ambiente construído. Teresópolis: 2AB, 2011.

WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 5-30, jan./jul. 1990.